

# A Vez do Trabalhador Rural



A tendência estatizante do anteprojeto de Constituição da Comissão de Sistematização vem preocupando

a iniciativa privada da área. Em Goiânia, o médico Alibert de Freitas Chaves, diretor-presidente do grupo Serv-Médico, adianta que a estatização da saúde é uma fórmula incompatível com exercício do tratamento e da prevenção das doenças. "É muito importante lembrar", esclarece, "que no Brasil ficou a cargo do sistema público a prevenção, enquanto a medicina curativa ganhou grande impulso na área particular. Graças a esse desenvolvimento, sempre dinâmico, as pessoas vêm recebendo assistência médica, visto que 80% do atendimento médico-hospitalar é realizado no Brasil pela iniciativa privada.

Segundo o Dr. Alibert, a medicina de grupo é uma das alternativas de se viabilizar um atendimento mais barato, sem comprometer sua qualidade. Em tese é a fórmula desenvolvida pela Previdência Social, pela qual a população manteria por pré-pagamento o sistema de assistência médico-hospitalar, diluindo seus custos. Ou seja, os segurados são bancariam um atendimento condigno ao membro do grupo que adoecesse.

"A situação em que o Governo se encontra", enfatiza o médico, "parece-me sem rumo. Está evidente que o apoio das empresas particulares é imprescindível, porque o sistema capitalista só funciona quando essas duas forças (Governo e livre iniciativa), não agem como inimigos".

"A população brasileira não conseguirá compreender o projeto errôneo da Constituinte. Cada cidadão deve ter garantido, na nova Constituição, o sublime direito de livre opção, seja em que segmento da atividade for. É importante existir o direito e a liberdade de ir e vir".

## PARTICULAR X PÚBLICO

Para o Dr. Alibert, a grande diferença entre o gerenciamento dos recursos, pela medicina de grupo (livre iniciativa) e o governamental (poder público), é que não se aceita a ineficiência no

atendimento privado. Procura-se assistência preventiva, para se evitar que o indivíduo adoça ou agrave sua enfermidade, o que redundaria em maiores gastos com o paciente ou sérios riscos à vida humana.

Economicamente, há uma máxima que diz: "O homem deve ser tratado em pé". Ou seja, antes que deite em um leito. Este é um dos objetivos das empresas e grupos médicos, que investem na saúde dos trabalhadores e de seus dependentes.

A desorganização, existente na assistência médica estatal, faz com que um previdenciário, ao necessitar de atendimento de urgência, fique rodando de hospital em hospital, pois as limitações de cotas de atendimento fazem com que as portas não se abram usando-se a chave da Previdência Social. "Seguramente, affiança Dr. Alibert, a opção mais barata, humana e eficiente encontra-se em empresas/grupos. Possuímos, hoje, em nossa empresa, 6.800 pessoas beneficiadas, 28 médicos e um hospital dotado de modernos laboratórios e equipamentos de Raio-X, dentre outros. Ressaltamos: faz-se necessário, que nossos clientes e dependentes recebam, também, assistência odontológica, arcando apenas com os gastos laboratoriais, nas especificações de prótese e restaurações metálicas.

## EXPERIÊNCIA VALIDA

Adalberto Ferreira do Valle Júnior, diretor-industrial de recursos humanos da destiladora Nova União — Denusa —, localizada no município de Jandaia-GO, disse ter optado pela medicina de grupo para atender a seus funcionários em função dos serviços precários oferecidos, em Goiânia, pelo Estado e a inexistência dos mesmos em Jandaia, Indiará, Agreuna, Edeia e Palmeiras. "Nestas cidades, destaca, residem nossos 1.600 funcionários. E, atualmente, pagamos 4 milhões e 800 mil cruzados mensais para o INPS e 1 milhão 385 mil cruzados ao Funrural. Mesmo assim, nos vimos obrigados a criar nosso sistema de saúde. Para isso, montamos uma equipe de paramédicos, atendendo casos ambulatoriais, firmamos convênios com o Hospital de Indiará e Jandaia, ambos atendendo a 90% dos casos mais sérios".

"Hoje, temos um contrato com a Serv-Médico, de atendimento



Enfim, assistência decente...

integral, inclusive odontológico, aos nossos funcionários e seus dependentes. Eles não pagam consultas, internações, cirurgias, exames complementares ou medicamentos. Isso somente foi possível em função da Serv-Médico, que a todos estes itens mediante o pagamento percentual fixo de 2% do salário de cada beneficiário. Adalberto exemplifica: Vejamos: um "engatador de cabo" ganha hoje Cz\$ 6.210,00 mensais o que representa uma mensalidade de Cz\$ 124,20. Diz ainda que, em 120 meses, ele pagou ao INPS e Funrural o equivalente, moeda atualizada, a Cz\$ 706 milhões, sem nenhum retorno. E conclui dizendo: "Felizmente encontramos uma empresa para nos prestar esses serviços. Nossa experiência, como uma das maiores 50 produtoras de álcool no País, consegue fazer um plano total de saúde com 3%. Por isso, não entendo como os 31,5% gastos com o sistema estatal não oferecem resultados. O descontrole da máquina governamental é um sintoma inflamatório, acrescentando uma incerteza de uma possível rápida recuperação".

## DEPOIMENTOS

O auxiliar de enfermagem Mecisvalter de Oliveira, quando avistado pela reportagem, atendeu o funcionário Carlos Antonio Mendes Duarte, diagnosticando uma pequena inflamação nas amígdalas, fornecendo-lhe, após orientação científica, medicamentos, como pondicilina pastilha, mebexanol e polivitaminas, dando-lhe detalhes de sua utilização.

Mecisvalter explicou que, no ato da admissão de beneficiários eles são submetidos a uma série de exames e, posteriormente, recebem instruções de prevenção da saúde, segurança no trabalho e, se necessário, recebem vermífugos, polivitaminas, lombriguetes polivalentes e outras medicações diagnosticadas pelo médico. Os que vão trabalhar diretamente no corte de cana recebem, obrigatoriamente, vacina antitetânica.



Alibert: "Parece que o Governo está sem rumo"

Os serviços médicos são prestados na própria empresa e os dos funcionários são assistidos em suas cidades. Casos que não possam ser tratados nessas localidades são encaminhados para um hospital disponível em Goiânia.

Gercina Tesa dos Santos, solteira, trabalhadora braçal nas frentes de corte de cana e capina, disse que estar ali por "precisar enfrentar a vida com coragem". As opções de emprego, na região, são poucas, levando-a a não perder a oportunidade de ganhar aproximadamente Cz\$ 5.500 mensais.

Na simplicidade e honestidade de seus depoimentos, disse que não hesita em disputar tarefas com os companheiros e ironiza: "Muitos têm receio de concorrer comigo numa 'tarefa'. A amizade sincera que encontra no grupo não a deixa envergonhada e todos lhe oferecem apoio e compreensão. Trabalhando há 11 meses na destiladora de álcool, ela recorreu ao serviço médico várias vezes.

Recentemente, esteve em Goiânia e ficou cinco dias internada, no Hospital Santana para tratamento de anemia profunda.

Na última vez que Gercina dos Santos esteve no ambulatório da Denusa submetendo-se a exames periódicos, disse que, "graças a Deus", só precisou de remédios para gripe.

Divaldo Francisco dos Santos, há quatro anos na Denusa, casado, pai de dois filhos, afirmou que, em todas as vezes que foi ao ambulatório ou ao Hospital de Indiará, o atendimento mereceu elogios. Falando baixo, para os colegas não ouvirem, sente-se um tanto envergonhado. "Veja bem, moço, contribuo tão pouco e minha senhora já esteve em Goiânia cinco vezes, passando até por cirurgias consideradas perigosas. Na hora de emergência, não duvidei de aceitar a opinião do médico, para levá-la para Goiânia. "Somos bastante felizes e gratos. Primeiramente a Deus, e depois ao pessoal da Denusa. Somos tratados como gente", finalizou.



Gercina; cinco dias internada em Goiânia